“CUIDAR LA VIDA ES CUIDAR LA MEMORIA”: TOPONÍMIA REBELDE DOS MOVIMENTOS SOCIAIS LATINO-AMERICANOS¹

"CARING FOR LIFE IS CARING FOR MEMORY": REBEL TOPONYMIA OF LATIN AMERICAN SOCIAL MOVEMENTS

Sebastião Vargas²

RESUMO

O presente estudo propõe evidenciar a preocupação em se difundir uma "consciência histórica rebelde" dos movimentos sociais latino-americanos, em especial o Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), através do que denominamos como toponímia rebelde, onde os nomes dos próprios territórios produzidos pelos movimentos (acampamentos, assentamentos, agrovilas, ruas, escolas, municípios autônomos, comunidades rebeldes, "Caracóis") estão repletos de significados históricos. Dessa maneira, se busca conectar as lutas do passado ao presente, através da nomeação dos territórios com nomes que remetem às lutas históricas ou personagens dessas lutas. Tanto os trabalhadores sem-terra brasileiros, quanto os zapatistas mexicanos demonstram um esforço consciente de preservar a memória histórica e honrar "mártires" e lutadores sociais do passado e do presente, almejando a recuperação do passado *não oficial* que se tenta apagar dos textos, mas persiste de algum modo na memória coletiva. Em síntese, trata-se de uma vontade de recuperação da história que, por um lado, indica continuidade e, por outro, ruptura.

Palavras-chave: MST; zapatismo; toponímia; movimentos sociais.

ABSTRACT

The current study proposes to show the concern in diffusing a "historical rebel conscience" of the Latin-American social movements, specifically the MST (the Landless Rural Workers' Movement) and the Zapatism, through which we denominate a rebel toponymy, where the names of the territories established produced by the movements (camps, settlements, "agrovilas", street names, schools, autonomous municipalities, rebel communities, "Caracois") are replete with historical meaning. Through these means, the aim is to connect fights from the past to the present, using the nomination of the territories with designations that refer to historical battles or characters in these engagements. Both the Brazilian landless rural workers and the Mexican Zapatistas demonstrate a conscious effort to preserve historical memory, and honor "martyrs" and social fighters of the past and present, aiming for the recovery of the non-official past that is regularly erased from texts but persists in some form by collective memory. In synthesis, the issue rises from a desire to recover parts of history that, on one side, shows continuity, and on the other, shows rupture.

Keywords: MST, Zapatism, toponymy, social movements

---

¹ Agradeço a colaboração do historiador e mestrando Rodrigo de Moraes Guerra na elaboração deste artigo.

² Possui bacharelado e licenciatura em História pela Universidade de São Paulo (2001); doutorado em História Social também pela USP (2007) e Pós-Doutorado no Instituto de Estudios Avanzados (IDEA) da Universidad de Santiago de Chile (2015-2016). Atualmente é professor-adjunto de História da América na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: sebastiaoavargas@gmail.com.

Quando propomos resgatar a memória, lutamos contra a unidimensionalidade do presente e do predeterminado, que interessa aos que dizem: esqueçam que somos os ladrões e criminosos de ontem, esqueçam que a promessa de ontem é a que estamos repetindo hoje e que ontem não cumprimos.

Subcomandante insurgente Marcos

Che, Zumbi, Antônio Conselheiro, na luta por justiça somos todos companheiros.

Palavra de ordem do MST

INTRODUÇÃO

A dualidade memória/esquecimento é uma das oposições essenciais que estruturam o vocabulário dos movimentos sociais latino-americanos e se relaciona com outras como morte/vida, paz/guerra, verdade/mentira, palavra/silêncio. O esquecimento também é associado à marginalização, à humilhação e ao desprezo que sofreram e sofrem os indígenas e os camponeses na América Latina. Ao se discutir a utilização da memória coletiva pelos movimentos sociais, cabe mencionar algumas associações importantes: primeiramente, memória tem a ver com condições materiais indispensáveis para dar estabilidade à existência humana, como a terra e a casa. A história, por ser fundamento, raiz e estar associada aos antepassados, é solo firme que permite aos homens caminhar, enquanto o esquecimento é o vazio no qual correm o perigo de cair. Uma outra dimensão da memória também se relaciona com a noção fundamental, ao mesmo tempo material e simbólica, que define a possibilidade de uma vida realmente humana: a dignidade. “A dignidade tem a ver com a história. Com as histórias de cada um e de todos”, sintetizou um militante sem-terra brasileiro. Diversos documentos indicam que tanto para os zapatistas mexicanos como para os sem-terra brasileiros, memória e história são indispensáveis para conseguir uma vida conforme as exigências dos *verdadeiros seres humanos*.

37

O EZLN, em seus comunicados e manifestos, costuma fazer um paralelo histórico entre acontecimentos da história mexicana e a atual luta dos zapatistas de Chiapas. Respondendo às acusações do exército mexicano, que tentava vinculá-los à antiga organização guerrilheira Frente de Libertação Nacional (FLN), o subcomandante Marcos escreve:

Ao nome das FLN, entre os antecedentes do EZLN, o governo deve agregar o de todas as organizações guerrilheiras dos anos setenta e oitenta. Deve agregar também os nomes de Arturo Gámiz; Lucio Cabañas; Genaro Vázquez Rojas; Benito Juárez; Emiliano Zapata; Francisco Villa; José Maria Morelos y Pavón; Miguel Hidalgo y Costilla; Ricardo Flores Magón e o de muitos outros que já apagaram dos livros de história porque um povo com memória é um povo rebelde.³

Nas publicações internas do MST existem vários textos semelhantes quanto à recuperação da história. Mas não é somente nos textos que essa preocupação aparece. Os trabalhadores sem-terra escolheram para diversos acampamentos, assentamentos, agrovilas, ruas e escolas no país inteiro, nomes que remetem às lutas históricas ou personagens dessas lutas, incluindo “mártires” do próprio movimento. Para citarmos apenas alguns exemplos: Che Guevara, Carlos Lamarca, Antônio Conselheiro, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Betinho, Carlos Marighela, Zumbi dos Palmares, Dandara, Sepé Tiaraju, Tiradentes, Emiliano Zapata, Camilo Torres, Chico Mendes, Nelson Mandela, Paulo Freire, Oziel Pereira, Padre Jósimo Tavares etc.

Um elemento de forte convergência entre zapatistas e sem-terra brasileiros é a utilização da história e da memória coletiva em vários níveis e intensidades. Ambas as organizações possuem um zelo pela conservação da memória histórica que é facilmente entendido a partir de falas como a do subcomandante Marcos, na mensagem do EZLN enviada aos participantes do II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, realizado em Belém do Pará no ano de 1999:

A memória histórica é desprezada pelos valores neoliberais não só porque não pode ser comprada ou vendida, mas também porque é subversiva e faz demasiadas perguntas que vão de encontro a um sistema injusto. Para os que empurram o rodar do mundo, a memória histórica é uma arma, força, escudo, espada, lança, flecha, capacete, bota e punho de guerra.⁴

Não é somente em textos, cursos ou palestras que a preocupação em difundir uma "memória histórica rebelde" e de conectar as lutas do passado ao presente dos movimentos

---

³ “Sobre avance del ejército mexicano y detenciones”, 13 de fevereiro de 1995. In: *EZLN: documentos y comunicados* (vol. 2), p. 222.

⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. *Memória: II Encontro Americano pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo* – com as mensagens inéditas de abertura e encerramento do subcomandante insurgente Marcos. Belém: Coordenadoria de Relações Internacionais, 2002, p. 327.

sociais aparece. Os trabalhadores sem-terra escolheram para diversos acampamentos, assentamentos, agrovilas, ruas e escolas no país inteiro, nomes que remetem às lutas históricas ou personagens dessas lutas, incluindo lutadores e "mártires" do próprio movimento. Talvez a maior característica dessa "memória histórica militante", impulsionada por movimentos sociais, seja a de que o presente não necessita do passado, senão em relação ao futuro. Não se trata simplesmente de conhecer o passado, para compreender o presente e ficar por aí. Trata-se de aplicar à história a famosa tese número 11, de Karl Marx, sobre Feuerbach: é necessário transformar o mundo. Tanto zapatistas quanto sem-terra brasileiros acreditam que o estudo da história pode e deve contribuir para essa transformação.

1. TOPONÍMIA REBELDE NO MST

Alfredo Bosi aponta dois significados para o radical "*cultus*" de onde deriva o termo cultura: "*Cultus (1): o que foi trabalhado sobre a terra; cultivado; Cultus (2): o que se trabalha sob a terra; o culto; enterro dos mortos; ritual feito em honra dos antepassados*".⁵ *Cultus* seria então sinal de que a sociedade que produziu o seu alimento já tem memória. No caso do MST, a memória aparece imbuída de uma mística poderosa. "*Viajam com o tempo as nossas esperanças, os sonhos e todas as utopias. Quem deixa de sonhar só por um dia, pode perder o ritmo da história; o que fazemos fica na memória, escrito pela mão da rebeldia*", disse certa vez um poeta anônimo do Movimento Sem Terra.⁶ No Brasil, um dos inúmeros gritos de luta que reforçam o sentimento de que honrar o passado dá força diz: "*mataram o Che, mas não mataram o fruto, o MST vai crescendo por minuto*".

No caso do MST, essa referência e homenagem à história, da qual faz parte com orgulho, como afirmamos mais acima, não se encontra somente nos livros, cadernos e lousas. Mas também no próprio chão em que vivem. É comum escolher, para acampamentos e assentamentos, nome de lutadores e episódios da história brasileira e latino-americana. Os sem-terra literalmente "habitam a história".

---

⁵ BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 13-15.

⁶ Agenda do MST, 2001.

Para ilustrarmos um pouco desta “toponímia rebelde” preparamos uma lista de acampamentos organizados pelo MST espalhados pelo país que trazem o nome de históricos lutadores sociais:

Tabela 1 – Acampamentos organizados pelo MST espalhados pelo país

<i>ACAMPAMENTOS</i>	<i>MUNICÍPIOS</i>	<i>Nº de famílias</i>
Ailton Vigira	Novo Horizonte do Sul (MS)	150
Antônio Conselheiro	Lapa (PR)	110
Antônio Conselheiro	Jorge Teixeira (RO)	180
Antônio Conselheiro II	Aracoiaba (CE)	40
Antônio Tavares	Eldorado (MS)	145
Antônio Tavares	(MT)	214
Betinho	Alta Flores (RO)	35
Camilo Torres / Dom	Pirapora do Bom Jesus (SP)	200
Pedro Casaldáliga		
Cardoso – Paulo Freire	Landaira (RN)	150
Carlos Marighela	Buritirana (MA)	60
Carlos Marighela	Nossa Senhora da Glória (SE)	64
Cecília Nunes	(MT)	110
Che Guevara	Nova Crichas (GO)	850
Che Guevara	São João do Paraíso (MA)	64
Che Guevara	Alto Alegre dos Parecis (RO)	120
Che Guevara / Bom Viver	Poço Redondo (SE)	37
Chico Mendes	Niquelândia (GO)	60
Chico Mendes / Mandacaru	Lagoa do Padre (RN)	200
Chico Mendes (Contador)	Lagarto (SE)	123
Dandara	Arapiraca (AL)	300
Dandara	Iramaia (BA)	60
Dandara	(RJ)	60
Dandara	Macaíba (RN)	60
Dandara (Escuta)	Riachuelo (SE)	50
Darcy Ribeiro	Frainurgo (SC)	35
Darcy Ribeiro	Itaporanga Dajuda (SE)	77
Don Elder	Itaporanga Dajuda (SE)	23
Don Héder (Santana)	Estância (SE)	29
Dona Creusa	Amarante (MA)	137
Elizabete Teixeira	Belém (PA)	126
Emerson Rodrigues	Anastácio (MS)	140
Emiliano Zapata	Uberlândia (MG)	80
Florestan Fernandes	Mucuri (BA)	250
Florestan Fernandes	Guaçuí (ES)	92
Florestan Fernandes	São Cristóvão (SE)	55
Florestan Fernandes	Canindé de São Francisco (SE)	31
Francisco Rosa	Anastácio (SE)	27
Índio Galdino	Curitibanos (SC)	70
Ivo Cruz	Irituia (PA)	85
Jacobina	Belo Monte (AL)	70
João do Vale	Nossa Senhora da Glória (SE)	30
Joaquim das Neves II	Itaquiraí (MS)	43
Madre Cristina	Ariquemes (RO)	35

Maria Bonita (Maralinas)	Poço Redondo (SE)	43
Maria Lago	Lebon Regis (SC)	100
Nelson Mandela	Poço Redondo (SE)	30
Oziel	Casajeiras (PI)	90
Oziel Alves	Uruana (DF)	50
Oziel Alves	(RJ)	180
Oziel Alves	Lagarto (SE)	109
Oziel Alves II	Planaltina (DF)	180
Oziel I	Vargem Bonita (SC)	35
Oziel II	Fraiburgo (SC)	25
Oziel Pereira	(MT)	400
Padre Gino	Frei Inocência (MG)	600
Padre Josimo	Buritirana (MA)	155
Paulo Freire	São Pedro dos Crentes (MA)	62
Paulo Freire	Brasilândia (RO)	302
Paulo Freire	Lagarto (SE)	60
Paulo Jackson	Coaraci (BA)	30
Quintino Lira	Irituia (PA)	206
Raimundo Lopes	Nossa Senhora da Glória (SE)	25
Ranildo	Rio Brilhante (MS)	180
Roseli Nunes	Quixeramobim (CE)	120
Roseli Nunes	Santa Quitéria (CE)	70
Roseli Nunes	Pequi (MG)	60
Roseli Nunes	Castanhal (PA)	120
Sepé Tiaraju	Passos Maia (SC)	65
Sétimo Garibaldi	Terra Rica (PR)	70
Silvia Rodrigues	(MT)	550
Teixeirinha	Rio Verde (MS)	48
Tião Preto	Espigão do Oeste (RO)	65
Tiradentes	Campo do Meio (MG)	80
Valdecir Padilha	Itaquiraí (MS)	250
Valdemir Ferreira	Nossa Senhora da Glória (SE)	120
Zapata	Gaibas (AL)	600
Zumbi dos Palmares I	Própria (SE)	200

Fonte: Incra

Com esta lista podemos vislumbrar um pouco da “mitologia política” do movimento. Vemos que muitos acampamentos levam o nome de militantes do MST assassinados e que agora se tornaram “mártires” da luta pela terra, como Oziel Alves, morto no massacre de Eldorado dos Carajás (PA) em setembro de 1995 e Roseli Nunes, líder sem-terra que participou da ocupação da fazenda Anoni, no estado do Rio Grande do Sul, em 1985, e que no dia 31 de março de 1987, num trevo da estrada em Sarandi (RS), foi assassinada com mais dois companheiros que participavam de uma manifestação pacífica. As figuras de Zumbi dos Palmares, e mais frequentemente da sua ‘companheira’ Dandara, a do índio Sepé Tiraju, a de Antônio Conselheiro e a do comunista Carlos Marighela são alguns exemplos de personagens de lutas históricas que costumam ser homenageados pelos trabalhadores rurais, assim como os

locais onde ocorreram tais lutas como, por exemplo, os acampamentos Canudos, em Santa Vitória (MG) e Herdeiros de Canudos, em Terezina (PI), Cabanagem, em Matões do Norte (MA) e Palmares, em Iguai (BA). Entre as referências ‘internacionais’, o nome de Che Guerra é sem dúvida o mais lembrado e querido, mas também Emiliano Zapata está representado, assim como o padre colombiano Camilo Torres.

As listas de nomes de acampamentos (listas que quase sempre serão parciais) nos permitem ter uma noção da diversidade da escolha – geralmente por meio de assembleias – dos nomes que representam a fase mais aguerrida da luta pela conquista de uma nova vida que é o acampamento. Além das figuras mais consagradas e dos ‘mártires’ do próprio movimento, também encontramos intelectuais e educadores como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Paulo Freire; militantes e líderes sociais como Betinho, Chico Mendes e Nelson Mandela; religiosos e agentes pastorais como Dom Hélder Câmara, Irmã Alberta, Dom Pedro Casaldáliga e Padre Jósimo; músicos e artistas como João do Vale e Mário Lago; e personagens históricos como Tiradentes, Garibaldi e Maria Bonita.

Este costume de ‘batizar’ os acampamentos com nomes que remetem à luta é comum nas organizações camponesas que militam pela reforma agrária – como o MAST (Movimento dos Agricultores sem Terra), a FERAESP (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo), movimentos independentes e outros – mas no caso do MST é bem mais sistemática a referência a um grupo comum de lutadores e eventos que sustentam o esforço por preservar a memória de lutas passadas, como se pode observar nesta lista de acampamentos do estado de São Paulo:

Tabela 2 – Acampamentos do estados de São Paulo

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>M. SOCIAL</i>	<i>Nº de famílias</i>
Terra Sem Males	Cajamar	MST	320
Irmã Alberta	Cajamar	MST	299
Coru Mirim	Tremembé	MST	215
Nova Conquista	Tremembé	MST	215
Dom Tomas Balduino	Franco da Rocha	MST	97
Araras IV	Araras	MST	20
Boa Esperança	Mogi Guaçu	MST	220
Pátria Livre	Porto Feliz	MST	127
Nova Canudos	Iaras	MST	13
Nova Canudos	Iaras	MST	32
Nova Canudos	Iaras	MST	52

Nova Canudos	Iaras	MST	12
Nova Canudos	Iaras	MST	28
Nova Canudos	Iaras	MST	30
Nova Canudos	Iaras	MST	13
Nova Canudos	Iaras	MST	23
Nova Canudos	Borebi	MST	12
Nova Canudos	Borebi	MST	51
Laudinor de Souza	Piratininga	MST	27
Brasília	Piratininga	INDEP	39
Terra Nossa	Perdeneiras	CUT	53
Lafete de Oliveira	Galia	MST	18
Argentina Maria	Guarantã	MST	84
Dandara I	Promissão	Indep.	80
Dandara II	Promissão	MST	81
São Bento	Coroados	Indep.	21
Brejo Alegre	Brejo Alegre	Inde.	31
Reserva Timboré	Andradina	MST	50
União da Vitória III	Andradina	MST	44
Reserva Paraná	Castilho	MST	6
Tremembé	Castilho	MST	52
Três Barras	Castilho	MST	84
Nova Canaã	Castilho	MST	37
Terra Livre	Castilho	MST	31
Capim	Andradina	MST	40
Margarida	Castilho	MST	52
Terra Prometida	M. do sul	FERAESP	88
Terra Prometida II	M. do sul	MST	82
Vila Nova	N. Independência	MST	84
Nova Vida	Guaraçai	MST	37
Ipê	N. Independência	MST	84
Nova Conquista	Castilho	MST	93
Itapura	Itapura	Indep.	8
São Joaquim	Ilha Solteira	Indep.	16
São José da Barra	Ilha Solteira	Intep.	72
Sete de setembro	Ilha Solteira	Indep.	21
Dourado	P. Barreto	Indep.	28
Tapir	Suzanópolis	Indep.	8
Boa Esperança	Paulicéia	Indep.	108
Vista Alegre	Panorama	MAST	283
Guiomar	Panorama	Intep.	7
Jorge	Panorama	Indep.	18
Água Limpa	Quata	Indep.	70
São Joaquim	Iepe	MST	21
Bandeira	Santo Anastácio	MTP	3
Nova Força	Pres. Venceslau	MAST	67
Santa flora	Pres. Bernardes	MAST	113
Oziel Alves	Pres. Bernardes	MST	104
Natal	Caiua	MAST	58
N. Sra. das Graças	Caiua	MAST	80
Lagoinha	Pres. Epitácio	MAST	313
Ponte Funda	Pres. Epitácio	MTRSTB	6
São Paulo	Pres. Epitácio	MAST	37
Sul Mineira	Pres. Epitácio	Indep.	7
Tupiconã	Pres. Epitácio	MSTCB	105

Roseli Nunes	M. Paranapanema	MST	60
Dorcelina Folador	M. Paulista	MST	63
Cícero	M. Paulista	MST	9
Margarida Alves	Sandovalina	MST	134
Margaret	T. Sampaio	MTB	30
Lua nova	T. Sampaio	Indep.	40
Fusquinha	T. Sampaio	MST	47
Pde Josino Tavares	T. Sampaio	MST	93
Chico Mendes	Rosana	MST	184
Cobras	Dracena	MAST	34
Boa vista	Emilianópolis	MAST	88
Fortaleza	Bocaina	FERAESP	24
Cachoeirinha	Boa Esp. do Sul	FERAESP	30
Santa Maria	São Simão	FERAESP	186
São Carlos	São Carlos	MLST	30
Ee. Zootecnia	Colina	FERAESP	48
Agua Fria	Colombia	CUT	26
Sapé Tiaraju	Serra Azul	MST	95
Guarani	Pradópolis	Indep.	6

Fonte: Incra/SP.

Por esta listagem de acampamentos, fica claro o esforço sistemático do MST em nomear seus acampamentos com nomes de personagens históricos (Dandara e Sepé Tiaraju), “mártires” do próprio movimento (Laudionor de Souza, Oziel Alves, Margarida Alves, Roseli Nunes, Fusquinha) e até mesmo religiosos vivos que apoiam o movimento (Irmã Alberta, Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldáliga). Esse “batismo” também se dá com frases e mensagens de esperança e confiança no sucesso da luta (Terra Sem Males, Pátria Livre, Boa Esperança, Nova Canaã, Terra Prometida ou Vida Nova). Podemos notar também que os outros movimentos que reivindicam a reforma agrária só raramente nomeiam os acampamentos que organizam com referências à episódios e lutadores históricos, como costuma ser a marca do MST. E não é somente em acampamentos que encontramos este esforço consciente de preservar a memória histórica e honrar ‘mártires’ e lutadores sociais do passado e do presente.

A relação dos assentamentos e acampamentos do MST no estado do Pará demonstra que também na terra definitiva, o assentamento, os trabalhadores decidem homenagear a história:

Tabela 3 – Assentamentos e acampamentos do MST no estado do Pará

<i>Assentamentos/Acampamentos</i>	<i>Nº</i>	<i>de</i>	<i>Município</i>	<i>Regional</i>

	<i>famílias</i>		
Assentamento Palmares	517	Paraupébas	Carajás
Assentamento Onalício Barros	68	Paraupébas	Carajás
Assentamento 17 de Abril	689	Eldorado do Carajás	Eldorado
Assentamento Cabanos	85	Eldorado do Carajás	Eldorado
Assentamento Canudos	58	Eldorado do Carajás	Eldorado
Acampamento Lourival Santana	812	Eldorado do Carajás	Eldorado
Acampamento João Canuto	421	Sapucaia	Eldorado
Acampamento 26 de Março	300	Marabá	Araguaia
Assentamento 1º de Março	328	São João do Araguaia	Araguaia
Assentamento Chico Mendes 1	44	Baião	Araguaia
Assentamento Chico Mendes 2	65	Pacajá	Araguaia
Assentamento 8 de Março	30	Pacajá	Araguaia
Acampamento Salvador Allende	200	Breu Branco	Araguaia
Assentamento João Batista	157	Castanhal	Cabanos
Assentamento Mártires de Abril	91	Belém	Cabanos
Assentamento Paulo Fonteles	60	Belém	Cabanos
Acampamentos Padre Josimo	150	Acará	Cabanos

Fonte: MST/Pará.

A toponímia da reforma agrária impulsionada pelo MST também está repleta de nomes de santos ou que remetam a religiosidade popular como, por exemplo, nos assentamentos do Rio Grande do Sul *Nossa Senhora Aparecida; Santo Antônio; Conquista do Paraíso; Conquista do Povo de Tupã* nos municípios de Candiota e Canguçu (RS) e São Marcos em São Borja. Assim como os zapatistas, os sem-terra consideram de bom grado homenagear um santo ou figura religiosa, uma data marcante (assentamento *Primeiro de Maio* em Ronda Alta) e locais ou eventos históricos (assentamento *Farroupilha* no município de Encruzilhada do Sul).

Mas ambos também escolhem para o nome de suas comunidades expressões de esperança ou homenagens ao passado de lutas que desperta confiança no futuro, como os assentamentos do MST (todos no Rio Grande do Sul) *Herdeiros da Luta, Perseverantes na Luta, Nova Esperança, Nova Vitória, Nasce uma Esperança, Conquista do Futuro, Libertação Camponesa, Nova Estrela, Nova Batalha, Nova Conquista Mãe de Deus e Que Bom Será*. Sem esquecer os tradicionais *Che Guevara, Sepé Tiaraju, Roseli Nunes, Carlos Marighela, Zumbi dos Palmares*. Existe também uma diversificação de figuras homenageadas, como atestam os dos recentes assentamentos *Fidel Castro* e *Leonel Brizola* em Santana do Livramento (RS).

Segue-se uma outra listagem de acampamentos do MST, em vários assentamentos espalhados pelo Brasil, que ilustram as expressões que os trabalhadores rurais escolhem para ‘batizar’ seus acampamentos:

Tabela 4 – Acampamentos do MST que ilustram as expressões dos trabalhadores rurais

<i>ACAMPAMENTO</i>	<i>MUNICÍPIO</i>	<i>Nº de famílias</i>
Aliança	Ibirapitinga (BA)	30
Boa Esperança	Bom Jesus das Selvas (MA)	160
Boa Esperança	Nina Rodrigues (MA)	25
Cabanagem	Matões do Norte (MA)	400
Canudos	Santa Vitória (MG)	60
Esperança do Vale	Machacalis (MG)	130
Jerusalém	Pedro do Rosário (MA)	100
Jovens do MST	Remanso (BA)	250
Liberdade	Periquito (MG)	120
Marcha Brasil	Iguai (BA)	100
Mártires de Carajás	Carmo Damata (MG)	70
Nova Conquista	Ponta Porá (MS)	428
Nova Esperança	Birtinga (BA)	60
Nova Esperança	São Francisco (DF)	110
Nova Vida	Novo Cruzeiro (MG)	70
Palmares	Iguai (BA)	40
Pátria Livre	Caatiba (BA)	230
Pau Brasil – Esperança	Barra do Choça (BA)	100
Resistência	Funilândia (MG)	50
Sol Nascente	Paranaíba (GO)	110
Terra Livre	São Mateus (ES)	233
Terra Prometida	Tumiritinga (MG)	30
Vitória da Conquista	Campo do Meio (MG)	30
Perseverança	Marmeleiro (PR)	42
Nova Esperança	Altos (PI)	490
Nova Conquista	Esperantina (PI)	40
Herdeiros de Canudos	Terezina (PI)	140
Terra Livre	(RJ)	35
Terra Prometida	(RJ)	80

Fonte: secretarias regionais do MST

2. TOPONÍMIA REBELDE EM CHIAPAS

No caso do movimento zapatista, existem centenas de milhares de indígenas organizados em cerca de trinta Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ) e inúmeras comunidades rebeldes. Cada MAREZ pode ser formado por inúmeras pequenas comunidades ou *ejidos*. Quando alguns “municípios autônomos rebeldes” conseguem atingir um certo nível de articulação, eles podem constituir um “Caracol”, ou seja, uma nova

organização intercomunitária ou intermunicipal que atua como centro político-administrativo para questões de interesse comum às comunidades que o conformam. Os “Caracóis”, explicaram os insurgentes, além de ser espaços de encontro político e cultural (como os anteriores *Aguascalientes*) serão como “portas para entrar nas comunidades e para que as comunidades saiam; como janelas para ver-nos dentro e para que vejamos fora; como corneta para levar longe nossa palavra e para escutar aquele que longe está. Mas, sobretudo, para recordarmos que devemos velar e estar atentos sobre a luta dos mundos que povoam o mundo”⁷. Os nomes dos Caracóis, também decididos nas assembleias de cada região, definiram-se da seguinte maneira. Note-se que, mais do que referência a eventos históricos, os zapatistas decidem “poetizar” os nomes dos seus Caracóis:

- 1) Caracol de La Realidad: “Mãe dos Caracóis do Mar de Nossos Sonhos”;
- 2) Caracol de Morelia: “Turbilhão de Nossas Palavras”;
- 3) Caracol de La Garrucha: “Resistência Até um Novo Amanhecer”;
- 4) Caracol Roberto Barrios: “Que Fala Para Todos”;
- 5) Caracol de Oventik: “Resistência e Rebeldia pela Humanidade”.

Estes “Caracóis”, referência indígena à capacidade deste animal em se fechar e abrir com muita eficiência, antigos “Aguascalientes” (o termo foi inspirado na cidade homônima do norte mexicano, palco da reunião de todas as facções revolucionárias que constituíram em 1914 o novo governo provisório que, com Zapata e Villa, se instalaria na Cidade do México quase um ano depois), foram constituídos como foros para manter o contato e receber a “sociedade civil” e reúnem diversas comunidades zapatistas que também escolheram nomes de personagens da história mexicana para seus *pueblos* como, por exemplo, Emiliano Zapata, Ernesto Che Guevara, Miguel Hidalgo, Vicente Guerrero, Francisco Villa, Ricardo Flores Magón e Lucio Cabañas. Cada Junta de Bom Governo (estas “juntas” representam o núcleo dos governos “civis, paralelos e rebeldes” dos zapatistas) tem um nome, eleito pelos *Conselhos Autônomos* respectivos, como por exemplo:

---

⁷ Comunicado do EZLN-CCRI “*La treceava estela parte III*” de julho de 2003, disponível em: <http://www.ezln.org>.

- Junta de Bom Governo Selva Fronteiriça “Até a Esperança” dos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ): “General Emiliano Zapata”, “San Pedro de Michoacán”, “Liberdade dos Povos Maias” e “Terra e Liberdade”.
- Junta de Bom Governo Tzots Cchoj “Coração de Arco Íris da Esperança” dos MAREZ: “17 de Novembro”, “Primeiro de Janeiro”, “Ernesto Che Guevara”, “Olga Isabel”, “Lucio Cabañas”, “Miguel Hidalgo” e “Vicente Guerrero”.
- Junta de Bom Governo Selva Tzeltal “Caminho do Futuro” dos MAREZ: “Francisco Gómez”, “San Manuel”, “Francisco Villa” e “Ricardo Flores Magón”.
- Junta de Bom Governo da Zona Norte de Chiapas “*Nova Semente que vai Produzir*” do MAREZ: “Vicente Guerrero”, “Do Trabalho”, “A Montanha”, “San José em Rebeldia”, “Paz”, “Benito Juárez” e “Francisco Villa”.
- Junta de Bom Governo dos Altos de Chiapas “Coração Cêntrico dos Zapatistas Diante do Mundo” dos MAREZ: “San Andrés Sacamach’em de los Pobres”, “San Juan de la Libertad”, “San Pedro Polo”, “Santa Catarina”, “Magdalena de la Paz”, “16 de Fevereiro” e “San Juan Apóstolo Cancuc”.⁸

Os antigos acampamentos clandestinos de insurgentes do EZLN tinham por vezes nomes irônicos como *Fogón*, *El Maleficio* e *Agua Fría*, mas também o do onipresente “general em chefe” *Emiliano Zapata*. O mesmo se passa com algumas novas comunidades como *Suicidio e Susto*. Percebe-se o peso da religiosidade em nomes como *Israel*, *San Juan de la Libertad* ou *Moisés-Gandhi*. As personalidades históricas também costumam ser as mesmas: o libertador *Vicente Guerrero*, o anarquista *Ricardo Flores Magón* e o guerrilheiro *Che Guevara*. Além dos poéticos nomes dos Caracóis e das Juntas de Bom Governo, existem municípios autônomos que remetem à lemas zapatistas como “Terra e Liberdade” ou “Viver pela pátria ou morrer pela liberdade!”.

Zapatistas mexicanos e sem-terras brasileiros consideram muito importante o esforço de preservar a memória e estudar a história das lutas que, de certo modo, contribuíam para sua

⁸ RAMÍREZ, Gloria Muñoz. *EZLN: 20 y 10, el fuego y la palabra*. México: La Jornada Ediciones, 2003, p. 296.

própria existência. Como dizem os zapatistas “*recordemos y saludemos a los que, como nosotros, saben que la memoria es vida y que cuidar la vida es cuidar la memoria*”.⁹

CONCLUSÃO

Nesse sentido, a “reescritura” da história consiste na recuperação do passado não-oficial que se tenta apagar dos textos, mas persiste de algum modo na *memória coletiva*, na dignificação dos rebeldes derrotados, mas, sobretudo, ao evidenciar que depois de quinhentos anos “quando começou nossa luta contra a escravidão” a história pode se inverter: o vento de baixo, para utilizarmos uma metáfora cara aos zapatistas, já não responde ao sopro do vento de cima. Essa esperança presente fortemente tanto no EZLN como no MST, de que a dignidade e a rebeldia se convertam em liberdade e felicidade é um dos pontos-chave para se compreender a verdadeira amplitude desses movimentos. Em síntese, trata-se de uma vontade de recuperação da história que, por um lado, indica continuidade e, por outro, ruptura.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRANFORD, Sue; Rocha, Jan. **Rompendo a cerca: a história do MST**. São Paulo: Casa Amarela, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **Sem-terra com poesia: a arte de recriar a história**. Petrópolis: Vozes, 1987.

EZLN. **Crônicas intergalácticas: primer encuentro Intercontinental por la Humanidad y contra el Neoliberalismo**. México: Planeta Tierra, 1998.

---

⁹ Comunicado do EZLN de 17 de setembro de 1997 “*Despedida de la marcha de los 1.111 zapatistas*”. In: *EZLN: Documentos y comunicados*. (vol. 4), p. 98.

EZLN. **Documentos y comunicados** (14 de febrero de 1997 / 2 de diciembre de 2000 – vol. 4). Prólogo de Carlos Monsiváis. México: Era, 2003.

EZLN. **Documentos y comunicados** (15 de agosto de 1994 / 29 de septiembre de 1995 – vol. 2). Prólogo de Antonio García de León y crónica de Carlos Monsiváis. México: Era, 1998.

EZLN. **Documentos y comunicados** (1º de enero / 8 de agosto de 1994 – vol. 1). Prólogo de Antonio García de León y crónicas de Carlos Monsiváis y Elena Poniatowska. México: Era, 2003.

EZLN. **Documentos y comunicados** (2 de octubre de 1995 / 24 de enero de 1997 – vol. 3). Prólogo de Antonio García de León y crónica de Carlos Monsiváis. México: Era, 1997.

EZLN. **Documentos y comunicados. La Marcha del Color de la Tierra.** (2 de diciembre de 2000 / 4 de abril de 2001 – vol. 5). Crónica de Carlos Monsiváis y entrevista de Julio Scherer García con el subcomandante Marcos. México: Era, 2003.

EZLN. **La revuelta de la memoria:** textos del Subcomandante Marcos y del EZLN sobre la Historia. México: Centro de Información y Análisis de Chiapas, (CIACH), 1999.

50

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST – formação e territorialização.** São Paulo: Hucitec, 1996.

GILLY, Adolfo; SUBCOMANDANTE MARCOS; GINZBURG, Carlo. **Discusión sobre la historia.** México: Taurus, 1995.

MST. **Manual de organização dos núcleos.** São Paulo, 1990.

MST. **MST: a luta pela reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil.** São Paulo, 2005.

MST. **Normas gerais do MST.** São Paulo, 1989.

MST. **Sobre o método revolucionário de direção.** São Paulo, 1987.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Alfa-Omega, 2003.

RAMÍREZ, Gloria Muñoz. **EZLN: 20 y 10, el fuego y la palabra.** México: La Jornada Ediciones, 2003.

SOLANO, Xochitl Leyva; FRANCO, Gabriel Ascencio. **Lacandona al filo del agua.** México: CIESAS, UNAM, FCE, 2002.

VARGAS, Sebastião. **Palavras que caminham o mundo:** histórias e místicas do EZLN e do MST. Rio de Janeiro: Publit, 2014.

VOS, Jan de. **Una tierra para sembrar sueños:** historia reciente de la Selva Lacandona. México: FCE, CIESAS, 2002.